

A GUERRA DOS MUNDOS

H. G. WELLS



TRADUÇÃO DO INGLÊS POR
João Bernardo Paiva Boléo

ILUSTRAÇÕES
Henrique Alvim Corrêa

S
W

A Guerra dos Mundos

H. G. Wells

Publicado em Portugal por:
Sextante Editora (www.sextanteeditora.pt)

Título original:
The War of the Worlds
© Porto Editora, 2019

Imagem da capa: Henrique Alvim Corrêa

1.ª edição: fevereiro de 2019

Sextante Editora é uma chancela da
Porto Editora
Email: editorial@sextanteeditora.pt

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Distribuição **Porto Editora**

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal
www.portoeditora.pt

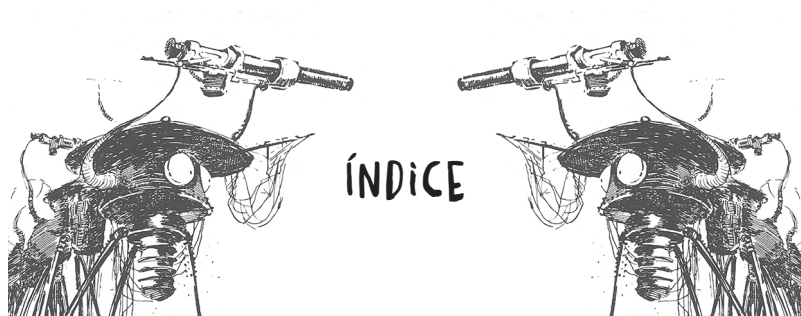
Execução gráfica **Bloco Gráfico**
Unidade Industrial da Mala.
DEP. LEGAL 450281/18
ISBN 978-989-676-259-1



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

«Mas quem habitará nestes mundos se já forem habitados?... Seremos nós ou eles os Senhores do Mundo?... E serão todas as coisas feitas para o homem?»

Kepler (citado em *A Anatomia da Melancolia*)

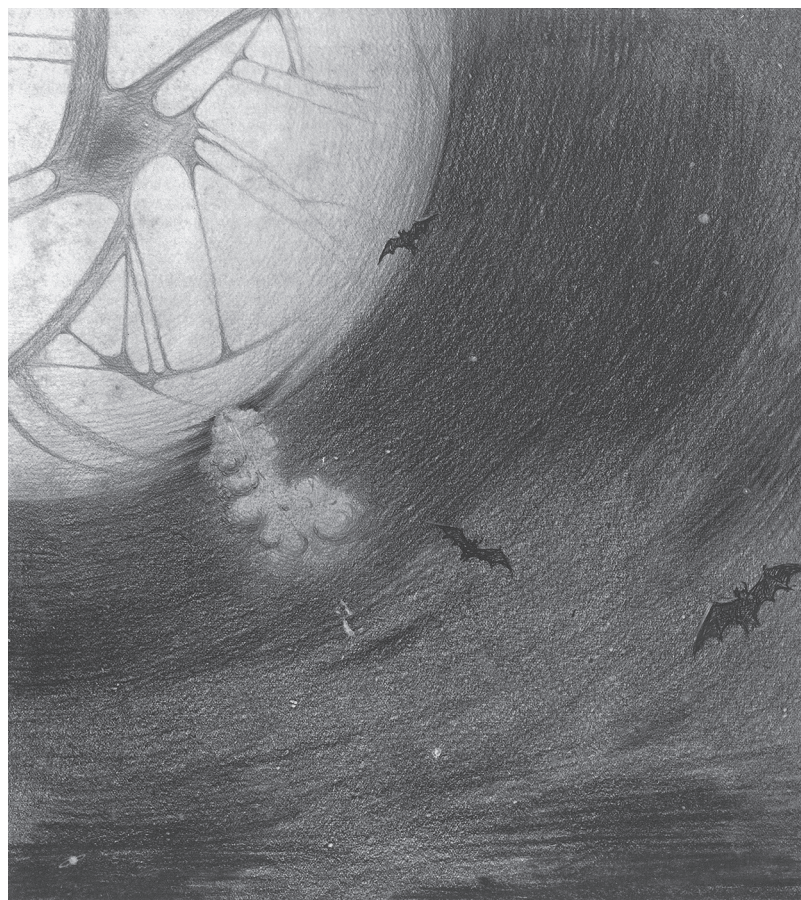


Livro I – A chegada dos marcianos	11
I. A véspera da guerra.....	15
II. A estrela cadente.....	25
III. No baldio de Horsell.....	33
IV. O cilindro desenrosca-se.....	38
V. O raio de calor	45
VI. O raio de calor na estrada de Chobham.....	53
VII. Como cheguei a casa.....	59
VIII. Sexta-feira à noite	65
IX. A luta começa.....	70
X. Na tempestade.....	78
XI. À janela.....	89
XII. O que vi da destruição de Weybridge e Shepperton.....	98
XIII. Como conheci o cura	115
XIV. Em Londres.....	123
XV. O que tinha acontecido em Surrey.....	138
XVI. O êxodo de Londres.....	151
XVII. <i>Thunder Child</i>	168
 Livro II – A Terra dominada pelos marcianos	 181
I. Espezinhados.....	185
II. O que vimos da casa em ruínas.....	195
III. Os dias de cativoiro.....	207

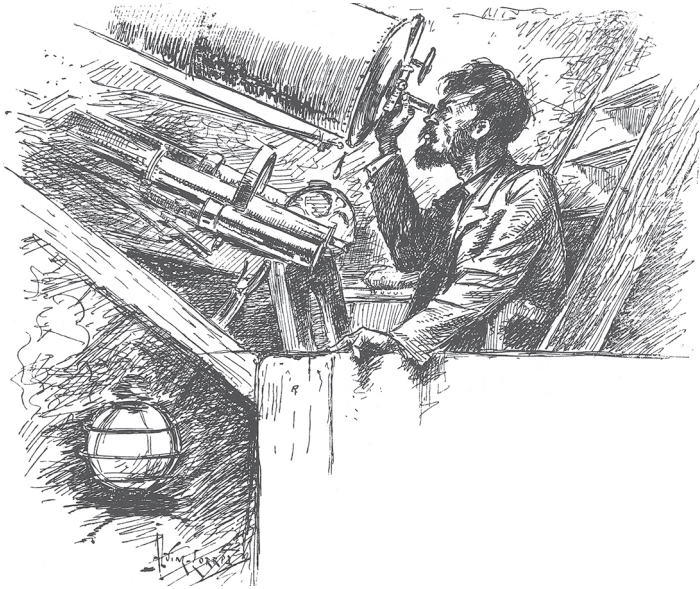
IV. A morte do cura	215
V. A calmaia	223
VI. O trabalho de quinze dias.....	227
VII. O homem de Putney Hill.....	233
VIII. Londres morta.....	255
IX. Escombros	269
X. Epílogo.....	279

LIVRO I

A CHEGADA DOS MARCIANOS



A VÉSPERA DA GUERRA



Ninguém teria acreditado, nos últimos anos do século dezanove, que as atividades humanas estavam a ser ávida e intimamente observadas por uma inteligência superior à do homem mas tão mortal como a sua; que enquanto se atarefavam com os seus assuntos estavam a ser escrutinados e estudados, possivelmente quase tanto como um homem com o seu microscópio estuda as criaturas efémeras que se aglomeram e se multiplicam numa gota de água. Com infinita complacência, os homens andavam de um lado para o outro neste globo entretidos

com os seus assuntos, serenos na sua certeza de domínio sobre a matéria. É possível que os infusórios sob o microscópio façam o mesmo. Ninguém pensou nos mundos antigos do espaço como fontes de perigo para os humanos, ou pensou neles apenas para descartar a ideia de que poderiam suportar vida por ser impossível ou improvável. É curioso recordar alguns dos hábitos mentais desses dias passados. Quando muito, os homens terrestres fantasiavam que talvez existissem outros homens em Marte, talvez inferiores a eles próprios e dispostos a acolher uma iniciativa missionária. No entanto, no abismo do espaço, mentes que estão para as nossas como as nossas estão para os animais que são abatidos, intellectos vastos, frios e insensíveis, olham para esta Terra com olhos invejosos, traçando lenta e implacavelmente os seus planos contra nós. E no início do século vinte, veio a grande desilusão.

O planeta Marte, nem preciso de lembrar o leitor, gira em torno do Sol a uma distância média de 225 000 000 quilómetros, e que a luz e o calor que recebe do Sol é sensivelmente metade que a que este mundo recebe. Deverá ser, se a teoria nebular for verdadeira, mais antigo que o nosso mundo, e muito antes desta Terra ter deixado o seu estado de liquefação, a vida na superfície de Marte terá iniciado o seu curso. O facto de ter cerca de um sétimo do volume da Terra poderá ter acelerado o seu arrefecimento até à temperatura adequada ao início da vida. Tem ar e água, e tudo o que é necessário para suportar a existência de vida.

Mas o homem é tão vaidoso, tão cego pela sua vaidade, que nenhum escritor, até ao final do século dezanove, expressou qualquer ideia sobre a possibilidade de desenvolvimento de vida tão longe, ou de todo, para além do nível da Terra. E nem sequer se admitia que, uma vez que Marte é mais antigo que a Terra, com cerca de um quarto da sua área superficial, e mais afastado do Sol, estaria não apenas necessariamente mais distante do início da vida como mais próximo do seu fim.

O arrefecimento secular que um dia invadirá certamente o nosso planeta, já está há muito presente no nosso vizinho. A sua situação física permanece em grande parte um mistério, mas nós sabemos atualmente que na sua região equatorial a temperatura ao meio-dia mal se aproxima do nosso mais frio inverno. A atmosfera é muito mais rarefeita que a nossa, os oceanos reduziram-se até apenas um terço da superfície, e as lentas estações deslocam gigantescas massas de neve que se juntam e derretem perto de ambos os polos, inundando periodicamente as zonas temperadas. Esta última fase de exaustão, que para nós é ainda incrivelmente remota, tornou-se um problema atual para os habitantes de Marte. A pressão imediata da necessidade avivou-lhes a inteligência, aumentou-lhes os poderes e endureceu-lhes os corações. E, observando através do espaço, com instrumentos e inteligências para nós difíceis de conceber, eles veem, na sua distância mais próxima, a apenas 56 000 000 quilómetros em direção ao Sol, uma estrela matinal de esperança, o nosso próprio planeta mais quente, repleto de vegetação verde e água cinzenta, com uma atmosfera nublosa cheia de fertilidade, com vislumbres através das nuvens de vastas extensões de países populosos e braços de mar infestados de navios.

E nós homens, as criaturas que habitam esta Terra, devemos ser para eles pelo menos tão estranhos e modestos como os macacos e lémures são para nós. O lado intelectual do homem já admite que a vida é uma incessante luta pela existência, e passa-se aparentemente o mesmo no caso dos marcianos. O mundo deles já está muito adiantado no seu arrefecimento, enquanto este nosso mundo ainda está repleto de vida, mas repleto de uma vida que eles consideram inferior. Avançar para a guerra em direção ao Sol é a sua única fuga à destruição que geração após geração os persegue.

E antes que os julgemos com demasiada severidade, não podemos esquecer a crueldade e total destruição que a nossa

espécie lançou, não apenas sobre os animais, como os extintos bisonte e dodó, como também sobre as nossas próprias raças inferiores. Os tasmanianos, não obstante a sua semelhança com o homem, foram totalmente extintos numa guerra de extermínio levada a cabo por imigrantes europeus no espaço de cinquenta anos. Seremos nós os apóstolos da misericórdia para nos queixarmos caso os marcianos nos ataquem da mesma maneira?

Os marcianos parecem ter calculado a sua descida com uma subtilidade espantosa; o conhecimento matemático que possuem é evidentemente muito superior ao nosso, e realizaram os seus preparativos com uma unanimidade quase perfeita. Se os nossos instrumentos o tivessem permitido, talvez tivéssemos podido ver o problema crescente ainda no século dezanove. Homens como Schiaparelli observaram o planeta vermelho; é estranho, a propósito, que durante muitos séculos Marte tenha sido a estrela da guerra; mas não conseguiram interpretar as aparências instáveis das marcas que mapearam tão bem. Os marcianos estariam certamente a preparar-se durante todo esse tempo.

Durante a oposição de 1894, foi observada uma luz intensa na parte iluminada do disco, primeiro no Observatório Lick, depois por Perrotin de Nice, e depois por outros observadores. Os leitores ingleses tiveram conhecimento deste facto pela primeira vez no número da *Nature* de 2 de agosto. Sinto-me inclinado a pensar que esta ocorrência poderá ter sido a fundição do gigantesco canhão, o grande fosso escavado no planeta a partir de onde dispararam sobre nós. Foram vistas marcas peculiares, ainda por explicar, perto do local onde se deu a deflagração durante as duas oposições seguintes.

A tempestade abateu-se sobre nós, faz agora seis anos. Quando Marte se aproximava da oposição, Lavelle de Java entusiasmou a comunidade astronómica com a espantosa informação de uma enorme deflagração de gás incandescente na

superfície do planeta. Tinha ocorrido perto da meia-noite do dia 12, e o espectroscópio, ao qual tinha recorrido imediatamente, indicava uma massa de gás incendiado, na sua maioria hidrogénio, a deslocar-se a uma velocidade enorme em direção à Terra. Este jato de fogo tinha-se tornado invisível cerca da meia-noite e um quarto. Ele comparou-o a uma colossal bafurada de chama a jorrar súbita e violentamente do planeta, «como o gás em chamas é expelido de uma arma».

Esta frase provou ser singularmente apropriada. No entanto, no dia seguinte os jornais não mencionaram nada disto, exceto uma breve nota no *Daily Telegraph*, deixando o mundo sem saber de um dos maiores perigos que alguma vez tinha ameaçado a raça humana. Eu não teria sabido de todo desta erupção se não tivesse encontrado em Ottershaw, Ogilvy, o famoso astrónomo. Ele estava extremamente entusiasmado com as notícias, tendo-me convidado nessa noite para ir com ele observar o planeta vermelho.

Não obstante tudo o que aconteceu desde então, ainda me lembro muito bem daquela vigília: o observatório escuro e silencioso, a claraboia tapada que lançava um brilho ténue sobre o chão no canto, o tiquetaque constante do mecanismo do telescópio, a pequena fresta no teto; uma profundidade oblonga atravessada pela poeira estelar. Ogilvy andava de um lado para o outro, invisível mas audível. Olhando pelo telescópio, podíamos ver um círculo azul-escuro, e o pequeno planeta redondo pairando no meio. Parecia uma coisa tão reduzida, tão brilhante, pequena e tranquila, ostentando ténues riscas transversais, e ligeiramente achatada. Mas era tão pequena, tão quente e prateada, aquela cabeça de alfinete de luz! Era como se tremesse ligeiramente, mas era na realidade o telescópio que vibrava devido ao mecanismo que permitia manter o planeta no seu campo de visão.

Enquanto eu observava, a pequena estrela parecia aumentar e diminuir, avançar e recuar, mas isso acontecia simplesmente

porque os meus olhos estavam cansados. Estava a sessenta e quatro milhões de quilómetros de nós; mais de sessenta e quatro milhões de quilómetros de vazio. Poucas pessoas conseguem conceber a imensidão do vácuo onde paira a poeira do universo material.

Lembro-me que perto do planeta e dentro do campo visual, havia três pequenos pontos de luz, três estrelas telescópicas infinitamente remotas, envolvidas por uma escuridão impenetrável de espaço vazio. Conhecem o aspeto dessa escuridão numa noite gelada iluminada pelas estrelas? Através de um telescópio, parece muito mais profunda. É invisível para mim, porque estava tão distante e era tão pequena, voava veloz e implacável na minha direção ao longo de toda aquela distância incrível, aproximando-se a cada minuto muitos milhares de quilómetros, a Coisa que eles nos tinham enviado, a Coisa que iria trazer tanta luta, calamidade e morte para a Terra. Eu nunca o imaginei enquanto a observava; ninguém na Terra imaginou aquele míssil infalível.

Naquela noite ocorreu outro jato de gás naquele planeta distante. Eu vi-o. Um clarão avermelhado na extremidade, uma leve projeção do contorno, precisamente quando o cronómetro indicava meia-noite, e eu contei a Ogilvy, que tomou o meu lugar. A noite estava quente e eu estava com sede, por isso dirigi-me, esticando atabalhoadamente as pernas e às apalpadelas no escuro, até à mesinha onde se encontrava o sifão, enquanto Ogilvy comentava o feixe de gás que vinha na nossa direção.

Nessa noite outro míssil invisível começou o seu caminho de Marte até à Terra, a cerca de um segundo menos de passarem vinte e quatro horas do primeiro. Lembro-me de estar sentado à mesa na escuridão com manchas verdes e carmesim a pairar diante dos meus olhos. Desejei ter lume para poder fumar, jamais suspeitando qual o significado daquele minuto de brilho que tinha acabado de ver e tudo o que me iria trazer.

Ogilvy permaneceu a observar até à uma, mas depois desistiu, acendemos a lanterna e fomos a pé até à casa dele. Lá em baixo, mergulhadas na escuridão, estavam Ottershaw e Chertsey, e todas as centenas de habitantes dormiam pacificamente.

Nessa noite ele especulou muito sobre a situação de Marte, ridicularizando a ideia generalizada de o planeta ter habitantes que nos estavam a fazer sinais. Ele achava que estava a cair uma chuva de meteoritos sobre o planeta, ou que estava a decorrer uma explosão vulcânica. Sublinhou que era improvável que a evolução orgânica tivesse assumido uma trajetória igual em dois planetas adjacentes.

– A probabilidade de haver algo parecido com o homem em Marte é de um milhão para um – disse ele.

Centenas de observadores viram a chama naquela noite e na noite seguinte, por volta da meia-noite, e novamente na noite seguinte, passando-se o mesmo durante dez noites, uma chama todas as noites. Ninguém na Terra tentou explicar por que razão as chamas pararam após a décima noite. É possível que o gás libertado pelos disparos fosse incómodo para os marcianos. Densas nuvens de fumo e poeira, visíveis através de um telescópio poderoso na Terra, como pequenas manchas cinzentas oscilantes, espalhavam-se pela atmosfera límpida, ocultando o seu aspeto natural.

Finalmente os jornais diários despertaram para as perturbações, começando a aparecer notas populares aqui e ali e por todo o lado sobre os vulcões de Marte. Lembro-me que o periódico sério-cómico, *Punch*, usou habilmente estes acontecimentos na sua caricatura política. E, sem ninguém o saber, os mísseis que os marcianos tinham disparado contra nós percorriam muitos quilómetros por segundo em direção à Terra, hora após hora, dia após dia, cada vez mais perto. A mim parece-me quase incrivelmente maravilhoso que, mesmo diante daquele destino veloz pairando sobre nós, as pessoas continuassem agarradas

às suas preocupações insignificantes. Lembro-me da alegria de Markham ao conseguir uma nova fotografia do planeta para o jornal ilustrado do qual era editor naquela época. Nestes últimos tempos, as pessoas quase não se apercebiam da profusão e iniciativa dos jornais do século dezanove. Pela minha parte, eu estava muito ocupado a aprender a andar de bicicleta, e a escrever uma série de artigos sobre os prováveis desenvolvimentos de ideias morais à medida que a civilização progredia.

Uma noite (o primeiro míssil deveria estar a uma distância de 16 000 000 quilómetros) fui passear com a minha mulher. O céu estava estrelado, e eu expliquei-lhe os signos do zodíaco, e apontei para Marte, um ponto brilhante de luz em direção ao zénite, para onde tantos telescópios estavam apontados. Era uma noite quente. Ao regressar a casa, um grupo de excursionistas de Chertsey ou Isleworth passou por nós a cantar e a tocar música. Havia luzes nas janelas de cima das casas enquanto as pessoas se deitavam. Da estação dos caminhos de ferro ouvia-se o som dos comboios em manobras, tilintando e rangendo, quase parecendo uma melodia à distância. A minha mulher chamou-me à atenção para os sinais luminosos vermelhos, verdes e amarelos, pendurados numa estrutura com o céu como pano de fundo. Tudo parecia seguro e tranquilo.

